

## SALA DE AULA INCLUSIVA NO ENSINO SUPERIOR EM CURSOS DE LICENCIATURAS: QUE ESPAÇO É ESSE?

### *EDUCACIÓN INCLUSIVA EN CURSOS DE LICENCIATURA: QUÉ ESPACIO ES ÉSTE?*

### *INCLUSIVE CLASSROOM IN HIGHER EDUCATION IN BACHELOR'S DEGREES: WHICH ENVIRONMENT IS THAT?*

Mirlene Ferreira Macedo DAMÁZIO<sup>1</sup>  
Elizabeth Matos ROCHA<sup>2</sup>  
Edvonete de Sousa ALENCAR<sup>3</sup>

**RESUMO:** Nas últimas décadas, as propostas de formação de professores, com base nos princípios decorrentes dos paradigmas inclusivos, nos cursos de licenciaturas, vêm sendo questionadas em seus resultados, principalmente pelas dificuldades relacionadas às decisões político-filosóficas, pedagógicas e de gestão da sala de aula. Para entender melhor essa dinâmica, desenvolveu-se um projeto de pesquisa-ação, crítico-colaborativo, denominado “Metodologia de ensino do professor no contexto das licenciaturas em uma perspectiva inclusiva”. O projeto é desenvolvido em cursos de licenciatura da UFGD. Portanto, este artigo se propõe a discutir o espaço da sala de aula, presencial e virtual, sob o viés da educação inclusiva, de modo a subsidiar reflexões que colaborem com o exercício docente em cursos de licenciatura. As considerações finais apontam que a sociedade usa de métodos de desigualdades para lidar com as diferenças e os diferentes que se enquadram em padrões de normalidade. A ruptura com essa lógica passa pela reorganização dos processos excludentes nos sistemas de ensino, levando em conta seus currículos e suas salas de aula na perspectiva das diferenças, em uma dimensão multicultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sala de aula. Inclusão. Licenciaturas.

**RESUMEN:** *En las últimas décadas, las propuestas de formación de profesores, con base en los principios derivados de los paradigmas inclusivos, en los cursos de licenciaturas, vienen siendo cuestionadas en sus resultados, principalmente por las dificultades relacionadas a las decisiones político-filosóficas, pedagógicas y de gestión del salón de clase. En el sentido de comprender mejor esta dinámica, se desarrolló un proyecto de*

<sup>1</sup> Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados – MS – Brasil. Doutora, Professora da Faculdade de Educação da UFGD. Membro do OIIPE. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-7449-2261>>. E-mail: psmirlenefm@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados – MS – Brasil. Doutora, Professora da Faculdade de Educação a Distância (EaD). Membro do OIIPE. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-5977-9499>>. E-mail: elizabeth.matosrocha@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados – MS – Brasil. Doutora, Professora da Faculdade de Educação da UFGD. Membro do OIIPE. ORCID: <<http://orcid.org/0000-0002-5813-8702>>. E-mail: edvonete.s.alencar@hotmail.com

*investigación-acción, crítico-colaborativo, denominado "Metodología de enseñanza del profesor en el contexto de las licenciaturas en una perspectiva inclusiva". El proyecto se desarrolla en cursos de licenciatura de la UFGD (Universidad Federal de Grande Dourados). Por lo tanto, este artículo se propone discutir el espacio del aula, presencial y virtual, por la perspectiva de la educación inclusiva, de modo a subsidiar reflexiones que colaboren con el ejercicio docente en cursos de licenciatura. Las consideraciones finales apuntan que la sociedad utiliza métodos de desigualdad para lidiar con las diferencias y los diferentes que se encuadran en patrones de normalidad. La ruptura con esa lógica pasa por la reorganización de los procesos excluyentes en los sistemas de enseñanza, teniendo en cuenta sus currículos y sus aulas en la perspectiva de las diferencias, en una dimensión multicultural.*

**PALABRAS CLAVE:** *Licenciaturas. Inclusión. Salón De Clases.*

**ABSTRACT:** *For the the past decades, teacher training proposals, based on the principles derived from the inclusion paradigms, in Bachelor's degrees courses, have been questioned in their results. It's mainly due to the difficulties related to political-philosophical, pedagogical and classroom management decisions. In order to better understand this dynamics, a collaborative research-action project was developed, which is called "Teaching Methodology in the Context of Bachelor's degrees courses under an Inclusive Perspective". The project is developed in undergraduate courses of the UFGD. Therefore, this article proposes to discuss the classroom environment, both face-to-face and online, under the bias of inclusive education, in order to subsidize reflections that collaborate with the teaching practice in undergraduate courses. The closing remarks point out that the society uses inequality methods to deal with the differences and the different ones that fit into norms of normality. The rupture with this logic goes through the reorganization of exclusion processes in education systems, taking into account their curricula and their classrooms under the perspective of differences, in a multicultural dimension.*

**KEYWORDS:** *Classroom. Inclusion. Bachelor's degrees.*

## **Introdução**

A construção de um projeto pedagógico institucional para os cursos de licenciatura no Brasil, com base em princípios decorrentes dos paradigmas inclusivos, tem encontrado dificuldades para se efetivar, em virtude de problemas relacionados com as decisões político-filosóficas, pedagógicas e de gestão. Os projetos curriculares, geralmente, centram na competência técnica, desconsiderando a competência política, humana, e seguem, relativamente, estabelecendo relações com os contextos externos, perpetuando os modelos de currículo disciplinares e que apontam o respeito às diferenças humanas em uma perspectiva inclusiva, mas, ainda assim, a efetivação

desses princípios deixa a desejar, principalmente no contexto de salas de aulas, sejam elas presenciais ou virtuais.

Nesse contexto, o fazer pedagógico nas salas de aulas, que na perspectiva deste trabalho se reporta ao ensino presencial e virtual, recebe os reflexos desse cenário e, em muitos momentos, não atende às reais necessidades da formação profissional que as universidades almejam do concluinte, egressos dos cursos de licenciaturas. É sabido que existe a necessidade de formação de novos perfis profissionais, envolvendo as competências técnicas, humanas e políticas; aqueles que estabeleçam movimentos contínuos e recursivos no processo de aprender a aprender; aqueles que assegurem uma educação inclusiva. Assim, não existe mais coerência nessa racionalidade técnica plantada numa visão homogeneizadora, guetificada, excludente e fragmentada das ações do homem no mundo (KOSIK, 1976).

Diante do exposto, diferentes propostas político-pedagógicas nas licenciaturas reconhecem a educação como um sistema aberto, o ser humano nas suas dimensões biopsicossocial, cognitivo e cultural, com suas diferenças peculiares na forma de *vir-a-ser*, porém não conseguem estabelecer nas práxis pedagógica de uma sala de aula sua efetivação. Percebe-se um distanciamento entre o pensar e o fazer desse processo, que propõe uma educação em conexões com a totalidade, com os fatores socioeconômicos, políticos, culturais e inclusivos.

Portanto, este artigo se propõe a discutir o espaço da sala de aula, presencial e virtual, sob o viés da educação inclusiva, de modo a subsidiar reflexões em cursos de licenciatura, com ênfase na formação do docente, para lidar, eficientemente, a partir de construção coletiva e dialogada, com os múltiplos espaços letivos, tornando-o mais sensível a enxergar o ser humano de forma holística, ou seja, na sua totalidade. Esse objetivo decorre de um projeto com pressuposto metodológico baseado na pesquisa-ação, crítico-colaborativo, cuja linha central contempla a formação docente no âmbito das licenciaturas, partindo do pensar dos professores e suas práxis. Para consecução desse propósito, este texto apresenta uma revisão bibliográfica que compõe o delineamento teórico-metodológico do projeto. Na sequência, traz uma discussão sob a sala de aula inclusiva, em espaço presencial e virtual, considerando sua concepção e alcance. Ao final, têm-se as considerações finais e referências.

## O projeto e seu pressuposto teórico-metodológico

Nesse contexto, apresenta-se o projeto de pesquisa-ação, crítico colaborativo, denominado “Metodologia de ensino do professor no contexto das licenciaturas em uma perspectiva inclusiva”. O projeto encontra-se na primeira etapa da pesquisa e considera o ser humano, o conhecimento e o objeto de estudo de outra forma, a partir da base conceitual do pensamento pós-moderno, no qual se reconhece a complexidade do fenômeno inter e intra-humano, em especial, compreendendo a sala de aula e suas nuances.

Essas questões têm provocado inquietações no ensino superior brasileiro, e, em 2014, foi impulsionada e implantada a reforma curricular nos cursos de licenciaturas pelas políticas públicas, visando o aprimoramento da formação docente. Diante desse cenário, por obrigações legais e preocupações com a formação dos professores, em 2015 e 2016, a Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), com as faculdades da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), realizaram seminários refletindo e debatendo sobre os seus cursos de licenciaturas.

Essa ação envolveu gestores, docentes e discentes em busca de boas e novas soluções para atualizar e aprimorar a formação docente. Esses seminários apontaram questões importantes sobre o cotidiano da gestão docente que mereceram ser investigadas. Nesse ponto, surgiu a motivação para construção do projeto de pesquisa-ação, crítico e colaborativo, no contexto do ensino superior, em cursos de licenciaturas, no âmbito da UFGD.

Desenvolveram-se na matriz do projeto de pesquisa novos ambientes de aprendizagem, que favorecem divisar o conhecimento e a realidade educacional em contextos dinâmicos, com trabalhos que acompanhem a evolução que ocorre no mundo da tecnologia, da técnica, das necessidades humanas e que se sustentem nos referenciais epistemológicos da educação da consciência e da instrução da inteligência, constituindo-se numa simbiose em que o ser humano seja visto como um “todo”, capaz de interagir e conectar-se ao “outro” e ao mundo.

Em síntese, esse projeto de pesquisa-ação, crítico, realizado de forma colaborativa, em rede de saberes, compreende não apenas as interações entre os raciocínios concreto e abstrato, dos métodos indutivos e dedutivos, dos sentidos, que registram os dados observáveis e que os ordenam em esquemas de ações significativas, mas também buscará criar novos ambientes de aprendizagens, principalmente nas salas de aulas. O intuito é

privilegiar a formação plena do ser humano, a partir de um novo paradigma, que reconhece a interdependência entre todos os fatores da realidade, que colaborará para construir a visão contextual relacional do homem entrelaçado no mundo, em uma percepção ecológica.

O projeto de pesquisa apresentado propõe o *re-ligare* do ser humano, buscando a educação da consciência e a instrução da inteligência, pois é por meio dessa simbiose que se podem desenvolver seres humanos na esfera da inteligência e da consciência e, em síntese, em ações inclusivas. Nesse contexto, o projeto pretende construir com os docentes dos cursos de licenciaturas da UFGD possibilidades enriquecedoras para as ações da gestão docente em salas de aulas presenciais e virtuais, formando mapas conceituais inclusivos na forma de pensar e fazer o currículo. Todas as faculdades que oferecem licenciaturas são envolvidas, tendo um pesquisador por curso. A pesquisa está sendo desenvolvida em nove etapas, em tempo estimado de três anos.

Dessarte, os cursos de licenciaturas precisam ser pensados com seus atores e os conhecimentos circundantes, em redes interconectadas, sem hierarquização de conteúdos, sem dicotomizações, reducionismos, mas com um olhar pluridimensional das salas de aulas. Por conseguinte, certamente, o discurso de uma educação inclusiva sustentará que professores e estudantes conectados produzam pela mediação da prática pedagógica novos conhecimentos a partir, é claro, de novos olhares da didática, da metodologia, das estratégias e das avaliações. Portanto, a práxis pedagógica, sob a ótica do pensar *complexus*, quer superar a disjunção ao lançar os princípios constituintes da conjunção, em que o conectar das partes projeta a articulação simultânea de todos os referenciais metodológicos, devolvendo ao sistema didático a visão hologramática de um conjunto, em que as partes e o todo estão mutuamente implicados (MORAES, 1997).

Tomando como base teórica os princípios da complexidade, pensa-se a educação no ensino superior pela perspectiva de que tudo se liga a tudo e que o ato de um professor transformar sua prática pedagógica, do ensino à aprendizagem, sustenta-se em um paradigma rizomático, em busca de um contínuo criar e recriar pedagógico. Isso lhe permite ser capaz de quebrar a hierarquização do conhecimento, pois as possibilidades heterogêneas de conexões auxiliam a construção de mapas de conhecimentos religados, numa conjunção de sujeito + planeta + vida + ciência, seguindo os princípios hologramáticos da autoeco-organização, da transversalidade, das conexões e das

cartografias, que colocam em cena o conhecimento plural, aberto, para todas as áreas dos saberes (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15-22).

Assim, as concepções e as construções epistemológicas que tecem o ensino mediante uma teoria que leva em conta o conhecimento produzido por nós, sujeitos humanos, e se estabelece em forma de conexões ou “nós, sob a ótica epistemológica do pensamento de Morin (2001), Deleuze e Guattari (1995), na visão paradigmática da complexidade e dos rizomas”, a educação se vê comprometida com a relação biopsicossocial, cognitiva e cultural do homem com o meio, podendo provocar transformações, ao mesmo tempo que poderá construir e reconstruir tudo em movimentos contínuos e recursivos, tendo em vista as necessidades básicas prementes do momento socioeconômico, político, histórico cultural e intercultural.

Nesse sentido, a ciência contemporânea, na pretensão de ultrapassar o pensamento cartesiano-newtoniano e a visão funcionalista da simplificação, e concebendo o homem em sua totalidade, traz em seu bojo uma concepção teórica que vê o sujeito humano como *complexus* em detrimento de um reducionismo que dicotomiza homem x conhecimento. Por consequência, pode-se explicitar que a realidade complexa é a que garante a conjunção da unidade do sujeito e do objeto na totalidade de um mesmo processo, em que o paradoxo do uno e do múltiplo, a ordem e a desordem, a ambiguidade e incerteza, devem ser constituintes de um pensamento *complexus* (MORIN, 2001, p. 107-113). Nessa perspectiva, a pesquisa inscreve-se em um sistema *complexus*, que significa abranger várias partes interdependentes, ligadas entre si, como membros de um todo. Trata-se de uma unidade complexa em que se integram ações conectadas que unificam pensamentos.

Alimentada por essa teia de saberes coletiva, a práxis pedagógica, constituída em objetivos educacionais, conteúdos, metodologia de ensino, métodos e processos avaliativos, desenvolvidos efetivamente no espaço sala de aula, seja presencial ou virtual, sob a influência da racionalidade moderna simplificadora a que esteve, até então, poderá ser desconstruída e reconstruída sob a luz das novas pautas educacionais. Isso significa que buscaremos estabelecer a interconexão das partes, percebendo a práxis como um conjunto que se articula no cotidiano das salas de aulas.

Enfim, nesse processo educativo de interdependência, esse projeto de pesquisa significará preparar para a individualidade e a coletividade o sujeito humano, provocando um processo comunicacional e a superação da imanência, da imediaticidade. Com isso, procura-se a transcendência do social, do cultural e do histórico-ideológico, a partir da

ruptura de fronteiras, capaz de auxiliar na construção de uma ambiência pedagógica nas salas de aulas de acordo com os paradigmas inclusivos.

As discussões apresentadas são, portanto, resultado da revisão bibliográfica da pesquisa, que visam compreender o espaço da sala de aula como inclusivo, com ênfase no ensino presencial, marcado pela oralidade docente, bem como no ensino virtual, em que a mediação pedagógica é suportada pelas tecnologias digitais, em razão do grande fluxo letivo, no âmbito das licenciaturas, que acontece nessa modalidade educacional. A sala de aula com o ensino presencial e o virtual foi contemplada em função de o espaço pesquisado, no caso, os cursos de licenciatura da UFGD, ocorrer nas duas modalidades educacionais. Logo, questionamo-nos, inicialmente: que espaço é esse? Tal questionamento se reporta à sala de aula presencial e virtual, essencialmente sobre o aspecto inclusivo. Diante do exposto, este artigo objetiva apresentar em que consiste uma sala de aula presencial e virtual inclusiva.

### **Sala de aula presencial inclusiva: que espaço é esse?**

Quando pensamos em uma sala de aula presencial inclusiva, inicialmente, é preciso refletir sobre que espaço é esse. No final da década de 1980, Moraes (1988) traz reflexões sobre a sala de aula e como esse espaço vem se consolidando. Menciona que a sala de aula contém muitas realidades, elenca como um espaço político, um espaço humano de encontros e trocas de conhecimentos. Aborda também sua concepção formal como “local eleito pela civilização para a transmissão do saber” (MORAIS, 1988, p. 7).

O autor relata que a sala de aula presencial possibilita o jogo de saberes, mencionando como local de evidências da educação popular, de ações de autoridade, de um ensino com crenças e concepções e do uso de diferentes locais de ensino para a aprendizagem. Em resumo, o autor considera, ainda, que a sala de aula é:

Filha de muito carinho, mas também filha de um extremo ideal de simplicidade. Ela representa uma conversa boa que quisemos ter com quantos se liguem ao seu tema e numa conversa boa é preciso que coloquemos nossas vidas, nossos sonhos, nossas denúncias, em suma: [...] a sala de aula está aí espiada, teorizada, denunciada, anedotizada e até poetizada de uma forma indireta (MORAIS, 1988, p. 9).

Com essa visão poética, Moraes (1988) refere-se à complexidade com que a sala de aula presencial é formada, na qual os estudantes e professores estão envolvidos. Quando

especificamos sobre as considerações de uma sala de aula inclusiva, é importante que os professores, além das adequações do planejamento e estratégias do ensino, olhem os conhecimentos, as habilidades e as competências dos estudantes, e não se limitem a observar somente suas dificuldades, mas a heterogeneidade presente.

Em diálogos com docentes do ensino superior, muitos fazem alusão às dificuldades de lecionar em salas de aula cada vez mais heterogêneas, envolvendo vivências e escolhas culturais, condições econômicas e políticas, expectativas, valores de vida e, acima de tudo, o nível de aprendizagem apresentado pelo estudante e sua condição para enfrentar as exigências do ensino superior. Lidar com a diversidade em situações de sala de aula é complexo e difícil, afirmam os professores, pois, em tempo real, precisam contemplar e desenvolver diferentes procedimentos, exigindo a superação do “padrão de normalidade”; do centramento em um único perfil de estudante; e da capacidade de reinventar o fazer aula em uma perspectiva heterogênea (ANDRÉ, 1999).

A complexidade que envolve o trabalho docente, em específico na sala de aula, destacada por Perrenoud (1993), consiste em lidar com o heterogêneo, singularmente constituído, seja do ponto de vista atitudinal, cultural, ideário de vida e lócus social. Não como é possível neutralizar as diferenças, elas estão inseridas nesse contexto. Assim, docentes e discentes protagonizam a existência desse espaço coletivo, formado por diferenças imagináveis, solicitando todos os esforços para que as ações democratizantes sejam a premissa.

Nesse sentido, para Alonso (2013), é importante que as formações inicial e continuada dos professores estejam relacionadas a esse contexto. Ele considera pertinente enfatizar que o foco deve estar no “como” cada estudante apreende os conhecimentos, em “como” as habilidades e competências são estimuladas; e que a sala de aula deve ser vista como espaço de reflexão e debate. Dessa forma, a sala de aula heterogeneamente constituída começa a ser vista pelo viés inclusivo, o viés do respeito aos potenciais individuais e coletivos, no qual esse estudante singular, desde seu capital genético, único em sua inteligência, comportamentos e temperamentos, passa a ser compreendido e respeitado, também, em suas diferenças.

Nesse contexto, para realizarmos as ações docentes em uma perspectiva inclusiva, é preciso que as formações de professores para a gestão de sala de aula contemplem os paradigmas educacionais emergentes, bem como as novas pautas educacionais, que nos levam a compreender que devemos atender a um estudante específico, que aprende, ensina



e utiliza o conhecimento de forma diferenciada (MORAES, 1999). Assim, o professor como gestor da ambiência da sala de aula deve organizar as atividades de ensino e aprendizagem, sustentado no fazer heterogêneo. Nada simples, mas totalmente possível, se existir a compreensão de que devemos sair do ensino para a aprendizagem, ou seja, a ênfase deve estar em “como” se aprende, e não, simplesmente, em “como” se ensina.

Para Moraes (1999), na ambiência da sala de aula, em uma perspectiva inclusiva, os conteúdos são vistos como objetos de aprendizagem. Portanto, para que ocorra a aprendizagem, os estudantes devem atribuir significados e sentidos ao aprender e construir os conhecimentos em interação entre sujeito-objeto, sujeito-mundo, ou seja, mediante uma ação global do sujeito sobre o objeto a investigar. Segundo Piaget (1974, apud Moraes, 1999), o problema da aprendizagem implica o problema do conhecimento. O professor torna-se nesse processo o mediador do conhecimento e das relações de troca na sala de aula inclusiva.

Em uma perspectiva inclusiva, simbioticamente falando, docente e discente precisam estar cômicos de seus papéis nessa ambiência heterogênea, ou seja, o professor desenvolver metodologias apropriadas para esse contexto e o estudante a predisposição em construir o conhecimento de forma interativa e relacional. Por conseguinte, ambos não perdem suas funções, atuam de formas complementares. Portanto, estamos enfatizando o aprender a aprender, no qual o estudante se auto-organiza a partir da mediação do professor, que permeia e incita que as práxis pedagógicas se desenvolvam por meio de situações-problema, desafios teóricos, perturbações intelectuais, provocando desequilíbrio e conflito conceituais, levando-os a buscar soluções e obter aprendizagem carregada de sentidos para a vida.

Diante do exposto, aspectos importantes que devem ser norteadores da ambiência de uma sala de aula inclusiva são: foco no estudante e suas diferenças; vivência coletiva, garantindo complementaridade; procedimentos de ensino contemplando os estilos, ritmos e interesses do estudante; sair do ensino em si e ir para o “como” se aprende; compreensão das inteligências múltiplas e dos modelos organizadores do estudante; professor mediador e estudante auto-organizador de seu processo de aprendizagem, resultando em ações construtivas.

Nesse sentido, Alonso (2013) também tece considerações sobre o processo de acompanhamento da aprendizagem do estudante, alegando ser vital sua avaliação processual e sistemática, envolvendo todas as atividades das práxis pedagógicas, no qual o

conhecimento e o sujeito aprendente se interagem em um constructo simbiótico, estabelecendo sentidos à aprendizagem e sua aplicabilidade na vida cotidiana. Essa sistemática avaliativa processual permite acompanhar de modo mais preciso cada estudante.

Alonso (2013) destaca, ainda, que o professor necessita conhecer seus estudantes, comunicar bem e interagir, estipulando ações multilaterais entre professor-estudante, estudante-professor, estudante-estudante, professor-professor. A sala de aula inclusiva, nessa perspectiva, permite que as interações e as inter-relações se estabeleçam e a complementaridade crie seu lócus nas ações pedagógicas, buscando avanços de todos os envolvidos.

O professor se vê, portanto, ancorado em uma matriz teórica que o ajuda a lidar com a subjetividade premente em uma sua sala de aula singularmente heterogênea, entendendo as ambiguidades e construindo possibilidade ao fazer pedagógico. Nesse contexto, surge o fazer do docente, dando a ele as condições de promover a aprendizagem de seus estudantes e amenizar as falácias provocadas pelo contexto homogeneizador de uma sala de aula.

### **A sala de aula virtual pode ser inclusiva?**

Para compreender a sala virtual e se nela há potencial de inclusão, sobretudo na perspectiva do homem em sua totalidade, é importante remeter à sua construção histórica, sob o viés tecnológico. Em 1948, o matemático estadunidense Nobert Wiener lançou o livro *Cybernetics: or control and communication in the animal and the machine*. A partir daí, o mundo passou, paulatinamente, a ter contato com as potencialidades computacionais que culminaram no desenvolvimento de um conjunto de conhecimentos, hábitos e costumes ligados ao uso das tecnologias digitais pelas pessoas no século XXI.

Wiener criou aspectos conceituais de cibercultura ao publicar *Cibernética e sociedade* (1954), justamente por enveredar cientificamente em duas áreas que, juntas, deram dinâmica diferenciada, além de velocidade nas comunicações interpessoais. Na leitura de Chaves (2016, p. 71), “os conceitos trabalhados por Wiener durante a Segunda Guerra Mundial, tais como entropia, *feedback*, comunicação, aprendizagem, informação e controle, começaram a dar forma àquilo que, mais tarde, seria chamado de cibernética”.

O termo cibercultura, originado no bojo das pesquisas de Wiener, tem sido muito utilizado pelo filósofo e sociólogo Pierre Levy, quando, na década de 1980, passou a se interessar pela tecnologia da internet e a forma como a sociedade passou a utilizá-la, desenvolvendo pesquisas em uma perspectiva da inteligência coletiva. Sob o esteio da internet, Levy (1999) anunciou que o crescimento do ciberespaço abre uma frente diferenciada, expansiva e inovadora de comunicação.

Essas mudanças configuradas pelos saberes ligados à inovação tecnológica adentram, também, nos espaços universitários do atual século. Se na época de Wiener a motivação para as pesquisas computacionais, com fins cibernéticos, foi resposta à Segunda Guerra Mundial, atualmente, o cenário motivador se reporta às incorporações tecnológicas como padrão técnico que imprime ao ensino superior a exigência da qualificação dos professores, que, de acordo com Carneiro e Novaes (2009, p. 67), “historicamente mantiveram moldes mais ou menos estáveis, passam, então, a sofrer pressão, controle e avaliação no sentido de promover mudanças que possam responder às demandas por formação profissional”.

Em resposta, a Educação a Distância (EaD) tem sido utilizada para atender essa e outras metas da educação superior, por exemplo, a meta 15 do Plano Nacional de Educação que trata da formação compatível com a disciplina que leciona a todos os professores da Educação Básica do Brasil. No entanto, apesar da amplitude e grau de alcance que a EaD tem, para que esse modelo educacional funcione satisfatoriamente é preciso considerar a formação docente para lidar, de forma eficiente, com suas tecnologias e possibilidades pedagógicas que transversam com elementos da cibernética de Wiener. Para isso é fundamental entender seu ponto de convergência: a sala virtual no ensino superior.

A sala virtual requer do professor a ruptura com o modelo de aula convencional, pois agrega em torno de si as muitas mídias capazes de personalizar o ensino, ao tempo em que representa, também, ponto de transmissão que rompe fronteiras e chega aonde o ensino presencial não consegue. Nessa perspectiva, a EaD virtual tanto responde ao aspecto da interiorização da educação, numa perspectiva de ultrapassar barreiras geográficas, quanto favorece a inclusão de estudantes de diversas naturezas.

Nesse aspecto, a proposta inicial da cibernética de Wiener (1984) imprime marcas na cultura contemporânea que influencia as mídias comunicacionais e sua relação com a sociedade. A sala virtual é, portanto, consequência dessa perspectiva interacionista homem-máquina, quando percebemos esse ciberespaço como potencial elemento inclusivo,

sobretudo pelo aspecto comunicacional entre os sujeitos, automação de procedimentos avaliativos e autonomia no processo de estudo que favorece a personalização do tempo e da forma como cada um estuda, já que cada estudante virtual não fica limitado pela hora/relógio da aula presencial. A sala virtual é inclusiva pelo fato de ajudar a criar uma cultura específica na perspectiva da cibercultura, como uma resposta positiva da cultura na criação de uma “nova ordem do real” perante os novos contextos práticos que desafiam as categorias tradicionais de interpretação da realidade, como afirma Kim (2004, p. 207).

Tem-se, ainda, que as diferenças e as similaridades dos estudantes, sob a perspectiva da inclusão em uma sala virtual, são minimizadas em função das características a ela inerentes, por colocar no mesmo patamar de igualdade os sujeitos, em termos de suas limitações físicas, para potencializar e favorecer seus aspectos cognitivos, sobretudo com o apoio do conjunto de tecnologias assistivas que precisam ser incorporadas ao ambiente virtual. Assim considerando, a sala de aula se configura como ambiente que favorece a interdependência e a simbiose que ampliam e fortalecem a relação professor-estudante, visando o fortalecimento das relações humanas.

Elementos da cibernética, cibercultura, ciberespaço, tecnologias digitais, que confluem para a sala virtual, representam, portanto, conjunto de saberes que se mostram como tendências e possibilidades pedagógicas para o ensino superior como um todo, não apenas da EaD, como resposta às transformações e acesso ao conhecimento por parte do eixo social, especialmente sob o viés da inclusão.

### **Considerações finais**

A característica predominante da sociedade sempre foi a de excluir, mesmo que de forma indireta. A partir da Conferência Mundial de Educação para Todos, essa postura tem tomado novos rumos, que primam por incluir toda a gama de excluídos culturais, sociais e economicamente desafortunados. Ao se analisarem as relações estabelecidas até o presente momento, vemos impregnados nas crenças, atitudes e nos valores sociais educacionais os estigmas discriminatórios de separação, demarcando que o separado não é igual (LIMA, 2006).

A sociedade usa de métodos de desigualdades para lidar com as diferenças, os diferentes, e enquadra todos em padrões de normalidade. Assim, é preciso que as universidades incluam todos os estudantes, deflagrando a concepção de igualdade como

um valor social e, portanto, necessário de ser vivenciado. Somente a partir das vivências cotidianas, nas salas de aulas, presenciais ou virtuais, com suas contradições, empecilhos e entraves, é que iremos buscar alternativas educacionais que deem conta da superação dicotômica entre as diferenças naturais.

A desconstrução desses princípios ou pensamentos tem sido feita por vários estudiosos que buscam nas relações sociais e nas relações de poder os desafios para uma educação em respeito às diferenças. Urge, no momento, conseguir uma ruptura com os processos excludentes e organizar sistemas de ensino, com seus currículos e suas salas de aula presenciais e virtuais na perspectiva das diferenças, e, em uma dimensão multicultural, estabelecer a inclusão.

Assim, diz Mantoan (2003) que precisamos lutar por ideias que efetivem a inclusão, seja nas dimensões mais amplas do social, ou nas instâncias específicas de uma sala de aula. Sala de aula que se configura em modelos ainda muito distantes das necessidades, mas que em visão heterogênea aponta soluções importantes. É preciso reconhecer e entender as mudanças que estão ocorrendo no século XXI, pois elas fazem parte do contexto, sendo inseridas em espaço e tempo dinâmicos. A inclusão é um dos princípios fundamentais para favorecer a transformação e a reestruturação do ensino nas universidades, principalmente nas relações estabelecidas no contexto das salas de aula, sejam presenciais e virtuais.

Especificamente com relação à sala de aula virtual, sob a perspectiva inclusiva, o sistema educacional do ensino superior, formado pelos diversos profissionais, com ênfase no docente, requer visão ampliada no sentido de aceitar o ser humano na sua totalidade e, paralelamente, alinhar sua proposta pedagógica ao potencial tecnológico que se encontra ao seu alcance. O docente precisa se apropriar das tecnologias inerentes ao *modus operandi* da sala virtual, além de enxergar e desenvolver formatos de abordagens conceituais e avaliativas que promovam as habilidades dos estudantes, sobretudo dos que eventualmente possuem algum tipo de necessidade específica, favorecendo a acessibilidade a partir da incorporação de aplicativos ligados à ampliação da fonte, sintetizador de voz e conversão da voz em linguagem de sinais, por exemplo.

A apropriação desses saberes, por parte do docente, é resultado do conjunto de saberes e mudança cultural para a inclusão, principalmente tecnológica, vinculados ao ensino superior que acabarão por redimensionar o Projeto Pedagógico do Curso,

contribuindo para modificações nas práticas docentes, visto que se trata de processo de aprendizagem interdependente.

Uma universidade com salas de aula inclusivas, sob o viés da oralidade ou a partir da mediação virtual docente, requer aceitar as pessoas com as suas diferenças peculiares. É um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos e valores humanos, que agrega infinitas possibilidades para garantir o direito de todos os seres humanos estarem juntos, convivendo, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação.

Entretanto, para esse processo se efetivar, torna-se necessário enfrentar os empecilhos e entraves existentes, envolvendo as barreiras estruturais e atitudinais no sistema das universidades. Ao reconhecer as barreiras existentes, deflagramos a primeira iniciativa de confrontar as práticas excludentes, discriminatórias e preconceituosas, criando alternativas a fim de superá-las. Nesse sentido, a sala de aula adquire importância central e deve ser compreendida em sua heterogeneidade, ao mesmo tempo que deixa de ser espaço do ensinar e passa a ser o espaço do aprender a aprender, no qual os estudantes se auto-organizam a partir da mediação científica do professor. Nessa vertente, buscamos a superação da lógica da exclusão e a implantação dos paradigmas inclusivos.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Daniela. Educação inclusiva: desafios da formação e da atuação em sala de aula. **Revista Nova escola**. Ed. dez. 2013.

ANDRÉ, Marli (Org.). **Pedagogia das diferenças na sala de aula**. São Paulo: Papirus, 1999.

CARNEIRO, Breno Pádua Brandão.; NOVAES, Ivan Luiz. Regulação do ensino superior no contexto da contemporaneidade. In: NASCIMENTO, Antonio Dias.; HETKOWSKI, Tânia Maria (Org.). **Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/jc8w4/pdf/nascimento-9788523208721.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018.

CHAVES, Viviane Hengler Corrêa. **Norbert Wiener: a teoria cibernética de um matemático**. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1.

KIM, Joon Ho. Cibernética, ciborgues e ciberespaço: notas sobre as origens da cibernética e sua reinvenção cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 199-219, jan./jun., 2004.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Priscila Augusta. **Educação inclusiva e igualdade social**. São Paulo: Avercamp, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3 ed. Lisboa: Stória, 2001.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1997.

MORAIS, Regis de (Org.). **Sala de aula: que espaço é esse?** 3 ed. Campinas: Papirus, 1988.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

WIENER, Nobert. **Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos**. Tradução de José Paulo Paes. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1954.

### Como referenciar este artigo

DAMÀZIO Mirlene Ferreira Macedo, MATOS Elizabeth Rocha e ALENCAR Edvonete de Souza. Educação Inclusiva no Ensino Superior: sala de aula que espaço é este? **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13. n. esp. 2, p. 1359-1373, set., 2018. ISSN: 1982-5587. DOI: 10.21723/riaee.v13.nesp2.set2018.11648

**Submetido em:** 15/02/2018

**Aprovado em:** 19/05/2018